

## COMPORTAMENTO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO DOS CONECTORES E, AÍ E ENTÃO NA CONVERSAÇÃO

Flávia Angélica de Amorim Andrade  
Departamento de Letras – UFRN  
Maria Alice Tavares  
Departamento de Letras – UFRN

**RESUMO:** Baseando-nos na teoria funcionalista de vertente norte-americana, analisamos os conectores coordenativos E, AÍ e ENTÃO com o objetivo de avaliarmos o efeito do princípio cognitivo-comunicativo universal da marcação lingüística sobre seus padrões de comportamento semântico-pragmático. Para tanto, extraímos dados de cinco conversações cotidianas produzidas espontaneamente por indivíduos nascidos e residentes em Natal (RN), pertencentes ao Banco Conversacional de Natal. Neste estudo, para identificar os padrões de comportamento de tais conectores, fizemos o controle de dois grupos de fatores: *relação semântico-pragmática existente entre as orações interligadas pelo conector* e *traço semântico-pragmático do verbo da oração introduzida pelo conector*. Após terem sido codificados conforme os fatores pertinentes a cada um desses grupos, os dados foram lançados no pacote estatístico VARBRUL para cálculo de frequências e percentuais. Os resultados quantitativos assim obtidos nos permitiram observar a grande influência que o princípio da marcação exerce sobre as opções dos natalenses em termos dos conectores E, AÍ e ENTÃO na conversação cotidiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** conectores; conversação; marcação lingüística; comportamento semântico-pragmático

### Introdução

O foco desta pesquisa é investigar ocorrências dos conectores coordenativos E, AÍ e ENTÃO para avaliação do efeito do princípio cognitivo-comunicativo universal da marcação lingüística sobre seus padrões de comportamento semântico-pragmático em cinco conversações cotidianas produzidas espontaneamente por indivíduos nascidos e residentes em Natal (RN). Vejamos alguns exemplos do uso de E, AÍ e ENTÃO como conectores coordenativos:

- 1) “num é ‘para se ler o mundo como linguagem’ não? é ótimo esse texto ... ótimo ... ótimo ... ótimo ... é prazeroso ... E é bom ... num é porque é prazeroso/só porque é prazeroso ... bom pra fazer as relações ...” (113)
- 2) “não ... não ... na sala de aula ... que ti/eu lecionei lá literatura infantil ... AÍ eu pedi né ... pra cada um deles ... quando a gente tava apresentando ( ) AÍ ela levou esse texto pra ler ... eu tenho ele guardado ...” (122/123)
- 3) “como linguagem ... ENTÃO vamos dizer que ... tenha sido ... é ... as meninas tenham tido menos trabalho do que a gente porque/até pelo título você pode ver que é uma coisa que ela vai buscar mostrar que o mundo é uma linguagem ...” (154)

As conversações por nós utilizadas foram coletadas através de gravação em fitas cassetes e posteriormente foram transcritas no formato de unidades entoacionais, conforme Chafe (1994), e pertencem ao *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2008), que constitui uma fotografia diversificada dos usos da língua em situações de fala natural e casual tais como família, esporte, pagamentos, cursinho e biblioteca, em que a atenção dos usuários não está voltada diretamente à língua, mas à atividade em curso.

## Referencial Teórico

Seguimos o referencial teórico do funcionalismo lingüístico norte-americano, segundo o qual a gramática de uma língua é um conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e do uso, ou seja, um sistema aberto, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo emprego que lhe é dado no dia-a-dia, sofrendo influência inclusive da freqüência de uso. Como diz Hopper (1998), “a gramática é emergente”, variável, nunca está completa. Assim, o funcionalismo concebe a língua como um instrumento de interação social e seu interesse de investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo e na cognição humana as motivações para os fatos da língua. Nessa ótica, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua (falada e escrita), isto é, é motivada pela situação comunicativa, tornando-se assim uma variável dependente, pois os usos da língua é que dão forma ao sistema.

Uma das motivações cognitivo-comunicativas subjacentes ao uso da língua é o princípio da marcação, que distingue categorias marcadas de não-marcadas e que prevê que formas que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser empregadas em contextos comunicativos mais complexos e formas que são estruturalmente menos marcadas tendem a ser empregadas em contextos comunicativos menos complexos. Givón (2001) estabelece três critérios para a análise da marcação prototípica: **complexidade estrutural** (a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente); **complexidade cognitiva** (a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente) e **distribuição de freqüência** (a estrutura marcada tende a ser menos freqüente do que a estrutura não-marcada correspondente).

Como exemplo para o princípio da marcação, tem-se a distinção entre discurso formal e conversa espontânea. No discurso formal, os assuntos tendem a ser mais abstratos, por isso ele é mais complexo em relação à conversa espontânea, que é processada com mais rapidez e facilidade, por envolver assuntos comuns do cotidiano social. Essa foi uma das razões que nos levou a escolher a conversa espontânea como objeto de estudo. Ao conversar espontaneamente, o falante concentra mais atenção no que fala e menos no como fala, produzindo assim, ocorrências mais naturais e espontâneas da gramática da língua.

No caso de E, AÍ e ENTÃO, nossa hipótese é que o conector menos marcado dentre eles, isto é, E (por ser o menor), seja mais freqüentemente empregado em contextos menos complexos da conversação; quanto ao AÍ (por ter tamanho intermediário), esperamos que seja mais recorrente em contextos de média complexidade; com relação ao ENTÃO, esperamos que predomine em contextos mais

complexos, já que é o conector mais marcado (por ser o maior). Uma hipótese similar foi lançada e confirmada por Tavares (2003), em um estudo sobre os conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO na fala de Florianópolis. No entanto, o *corpus* utilizado pela autora era composto por entrevistas sociolinguísticas (pertencentes ao banco de dados do Projeto VARSUL – *Varição Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil*), e não conversações cotidianas.

### Procedimentos metodológicos

A fim de testar o efeito da marcação sobre os padrões de comportamento semântico-pragmático de E, AÍ e ENTÃO, investigamos seus contextos de uso na conversação cotidiana natalense, buscando identificar os diferentes graus de complexidade característicos de cada contexto semântico-pragmático. Para tanto, levantamos, codificamos e analisamos 243 dados, dos quais 109 (45%) foram do conector coordenativo E, 99 (41%) do AÍ e 35 (14%) do ENTÃO. Esses dados foram avaliados de acordo com dois grupos de fatores lingüísticos – **relação semântico-pragmática existente entre as orações interligadas pelo conector e traço semântico-pragmático do verbo da oração introduzida pelo conector** – ligados à complexidade semântico-pragmática. Tais grupos são aptos a mensurar graus de complexidade variados em situações de interação. Em seguida, digitamos os dados coletados em um programa do pacote estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988) para cálculo de frequências e percentuais.

### Análise dos dados

Quanto à relação semântico-pragmática existente entre as orações interligadas pelo conector, a **seqüenciação textual** é a menos complexa porque apenas une orações anteriores a orações posteriores ao longo do discurso, estabelecendo um elo coesivo entre elas, sem exigir a busca por relações mais específicas. Daí resulta um processamento mental mais rápido e econômico para o usuário da língua. Por sua vez, a **seqüenciação temporal** tem complexidade intermediária porque, além de apresentar as informações ou eventos narrados de forma linear, ela indica a ordenação temporal desses eventos, exigindo um pouco mais de esforço cognitivo. A **seqüenciação interrogativa** e a **seqüenciação de causa-conseqüência** são as mais complexas porque a primeira é questionadora, esperando uma provável resposta do interlocutor, e a segunda introduz informações que representam conclusão ou conseqüência em relação ao que foi dito anteriormente. Vejam-se os exemplos abaixo e os resultados na tabela a seguir:

- (1) ele pulou a cerca ... AÍ parece que ... num sei quê lá num deu certo (57)
- (2) lá no Florianiano mesmo ... quando tem reunião F. nem entrega a mamãe ... rasga no ... no meio do caminho ... AÍ joga pela ... [pela janela do vinte e seis] (10)
- (3) concurso para o curso de formação de oficiais ... é um concurso pra/se eu passar no concurso ... AÍ eu vou pra o curso ... entendeu? (77)

(4) ENTÃO ela conseguiu? (55)

Relação semântico- pragmática	<i>E</i>		<i>AÍ</i>		<i>ENTÃO</i>	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
S.Interrogativa	17/27	6 3	02/27	0 7	08/27	30
S.Textual	66/129	5 1	53/129	4 1	10/129	08
S.Temporal	23/42	5 5	19/42	4 5	0/42	0
S.Caus/Conseq	03/45	0 7	25/45	5 6	17/45	38
<b>TOTAL</b>	109/243	4 5	99/243	4 1	35/243	14

**Tabela 1** – Relação semântico-pragmática

Tomando como referência os resultados da Tabela 1, podemos constatar que o conector coordenativo menos marcado, ou seja, **E**, é mais freqüente na **seqüenciação textual**, que é a relação menos complexa, confirmando nossa hipótese inicial, apesar de se destacar na **seqüenciação temporal**, que tem grau de complexidade intermediário, e na **seqüenciação interrogativa**. Nesse último caso, contraria nossa hipótese de que seria menos freqüente em tais contextos interrogativos. **AÍ**, de marcação intermediária, é mais recorrente na **seqüenciação de causa-conseqüência**, relação mais complexa, e na **seqüenciação temporal**, relação de complexidade intermediária. **ENTÃO**, que é o conector mais marcado, recebe destaque na **seqüenciação interrogativa** e na **seqüenciação de causa-conseqüência**, confirmando-se assim nossa hipótese inicial a respeito desse conector.

Quanto ao traço semântico-pragmático do verbo da oração introduzida pelo conector, os verbos de **atividade 0** (existência e estado) são os menos complexos porque não apresentam traço de atividade e servem basicamente como elo de ligação entre os componentes oracionais interligados por eles, e os verbos de **atividade 1** (atividade momentânea, atividade específica, dicendi) são pouco complexos porque não representam muitas dificuldades em termos de processamento cognitivo, uma vez que se referem a ações concretas, físicas, que são intencionalmente realizadas. Os verbos de **atividade 2** (atividade difusa e instância), e os verbos de **atividade 3** (transitório intencional, transitório não-intencional e processo) têm complexidade intermediária, já que indicam menor grau de atividade física intencionalmente realizada. Por fim, os verbos de **atividade 4** (experimentação mental, atenuação e relacional) são os mais complexos, pois se referem a eventos cognitivos abstratos. Observem-se exemplos e resultados:

(1) num acredito não ... E teve reunião? (5)

- (2) num tem aquela coisinha que a criança vai comer E acaba brincando com aquilo né?  
(135)
- (3) E tu num mora em frente a casa dela? (208)
- (4) você tem entre quatro milhões de filhos que possa vir a ter ... um pode ter essa doença ... AÍ seu primeiro filho que nasce tem a doença (175)
- (5) ENTÃO ela acaba se interessando mesmo que ela não queira (200)

	<i>E</i>		<i>AÍ</i>		<i>ENTÃO</i>	
<b>Traço semântico-pragmático do verbo</b>	<b>Ap./Tot.</b>	<b>%</b>	<b>Ap./Tot.</b>	<b>%</b>	<b>Ap./Tot.</b>	<b>%</b>
Atividade 0	24/48	50	17/48	35	7/48	15
Atividade 1	32/64	50	27/64	42	05/64	8
Atividade 2	14/37	38	18/37	49	05/37	13
Atividade 3	6/16	38	6/16	38	4/16	25
Atividade 4	33/78	42	31/78	40	14/78	18
<b>TOTAL</b>	109/243	45	99/243	41	35/243	14

**Tabela 2** – Traço semântico-pragmático do verbo

De acordo com os resultados expostos na Tabela 2, percebemos que o **E** é mais freqüente em orações cujos verbos principais são verbos de **atividade 0** (estado e existência), que são os menos complexos por não apresentarem nenhum traço de atividade. Além disso, o conector se destaca na introdução de orações nucleadas por verbos de **atividade 1** (momentâneo, atividade específica e dicendi), que são pouco complexos por apresentarem alto grau de atividade. Por sua vez, o **AÍ** predominou em contextos introduzidos por verbos de **atividade 2** (atividade difusa e instância), que têm complexidade intermediária, confirmando nossa hipótese. O **ENTÃO** apresentou uma freqüência considerável em orações com verbos de **atividade 4** (experimentação mental, atenuação e relacional), que são os mais complexos cognitivamente, confirmando, desse modo, a hipótese inicial. Como o **ENTÃO** é pouco freqüente com os demais tipos de verbo, os resultados a esse respeito são inconclusivos. Por sua baixa recorrência, a distribuição dos verbos de **atividade 3** não nos permite alcançar conclusões refinadas.

#### Considerações finais

A maior parte das hipóteses que fizemos em relação à influência do princípio da marcação sobre o uso dos conectores **E**, **AÍ** e **ENTÃO** foi confirmada. Assim, o conector menos marcado, **E**, é mais recorrente em contextos semântico-pragmáticos menos complexos da conversação. Por sua vez, **AÍ**, conector de marcação intermediária, é mais freqüente em contextos semântico-pragmáticos de média complexidade, embora receba destaque, em alguns casos, também em contextos de alta ou de baixa complexidade, comportamento que pode ser considerado como esperado: por se tratar

de uma forma de marcação intermediária, sua distribuição de uso pode flutuar entre contextos intermediários, ou de maior ou de menor marcação. Por fim, **ENTÃO**, o conector mais marcado, predomina em contextos semântico-pragmáticos mais complexos.

Portanto, esta pesquisa revelou que o princípio da marcação é um importante fator motivador dos usos dados aos conectores **E**, **AÍ** e **ENTÃO** na conversação cotidiana dos natalenses investigados, pois sua distribuição quanto aos fatores de natureza semântico-pragmática indica que eles tendem a ser empregados em contextos de conversação de maior ou de menor complexidade de acordo com seu grau de marcação. Dessarte, a distribuição de cada conector, por distinguir-se da distribuição dos demais, mostra que **E**, **AÍ** e **ENTÃO** tendem a especializar-se para contextos distintos de conversação: **E** predomina nos contextos de menor complexidade, **AÍ** destaca-se nos contextos de média complexidade, e **ENTÃO** predomina nos contextos de maior complexidade, como esperávamos.

#### Referências

- CHAFE, W. *Discourse, consciousness and time: the flow of displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *Banco Conversacional de Natal*, 2008. Impresso (aguardando publicação).
- GIVÓN, T. The functional approach to language and the typological approach to grammar. In: *Syntax*. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-42.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. v.1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 155-175.
- PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. ms. 1988.
- TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis, 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina.